

**JOÃO MELLÃO NETO**

**Ditadura.** (Do lat. dictadura.) S.f. 1. Forma de governo na qual os outros mandam na gente.

**Democracia.** (Do gr. demokratia.) S.f. 1. Forma de governo na qual a gente manda nos outros. (Dicionário Político 1988 — edição revisada)



Começa a tomar vulto, entre os dignos constituintes da esquerda brasileira, a tese de que os parlamentares verdadeiramente comprometidos com as "causas populares" não devem assinar a nova Carta

Constitucional, visto estar ela eivada de conceitos burgueses, não representando, dessa forma, a vontade do povo brasileiro.

Não se sabe ainda a que povo os senhores constituintes estão referindo-se. A palavra "povo", na política brasileira, de há muito perdeu o seu sentido original. Longe de representar o conjunto de cidadãos que nascem, vivem, trabalham e morrem nesta Nação, "povo" cada vez mais se transforma em uma efêmera figura de retórica evocada nos discursos políticos para tornar representativas teses de cunho pessoal e idiossincrático.

Não nos consta que a grande massa dos cidadãos brasileiros professe a ideologia socialista. Faça-se uma grande enquête popular e se constatará que ninguém sabe quem foi Marx e o que ele dizia. O máximo que ocorrerá será alguns, por homonímia, declararem que foi um famoso juiz de futebol de prenome Armando. A grande maioria desconhece qual é a diferença entre esquerda e direita, burguesia e proletariado ou capitalismo e socialismo. O con-

ceito de "luta de classes", provavelmente, será associado a torneios esportivos interescolares do tipo "Mac X Med" e "mais valia" ao nosso pobre dinheiro nos bons tempos em que não havia inflação.

Com exceção de alguns privilegiados filhos da classe média alta, o povo não tem tempo nem disposição para dedicar-se à literatura de cunho ideológico. A indigência intelectual se revela mesmo no seio da classe política, cujo ócio remunerado teoricamente lhe garantiria tempo para incursões ao universo da palavra escrita. A bibliografia de referência de nossos políticos, infelizmente, é muito limitada. Enquanto uma metade lê apenas O Capital, a outra metade lê somente o Diário Oficial, ressalvando-se, como exceção, os evangélicos que, por sua vez, consultam a Bíblia.

Onde está o decantado espírito socialista do povo brasileiro? Qualquer observador desprovido de preconceitos que adentrar uma favela, um cortiço ou um bairro de periferia constatará que nesses locais imperam as mesmas relações mercantilistas que nossos intelectuais afirmam ser do exclusivo uso da burguesia. Agiotagem, especulação imobiliária, atravessamento de mercadorias, todos os "condenáveis vícios capitalistas" estão presentes, espontaneamente no seio das comunidades pobres. Barracos são vendidos, alugados e arrendados, o dinheiro é emprestado com juros e correção, não faltam oportunistas nem especuladores. O sonho de todos é enriquecer, se possível de forma rápida e indolor. O primeiro capital ameaçado logo se transforma em caderneta de poupança, casa de aluguel ou sociedade no bar da esquina. Viver de renda é uma prática condenável apenas para os intelectuais. Para os pobres, longe disso, é um anseio legítimo e justificável.

O povo não é socialista, quando muito é um capitalista com poucas oportunidades. Almeja bens de con-

sumo, deseja possuir propriedades, aspira a tornar-se rico. Por recusarem-se a entender essa realidade é que as nossas esquerdas estão condenadas a jamais galgar o poder. Ao menos através do voto popular.

A Constituição que teremos rebrata fielmente o espírito nacional. É candente, retórica, utopista, paternalista e demagógica. Em suma possui o rosto do Brasil, refletindo, com a máxima eloquência, toda a nossa ignorância econômica, imaturidade política e indigência ideológica.

Tudo isso era previsível. Surpreendente mesmo é a atitude juvenil das nossas esquerdas. Enquanto acreditaram que, mesmo em minoria, poderiam instituir o socialismo no Brasil pela via legislativa, não pouparam esforços para fazê-lo. Dominaram, arditosamente, a Comissão de Sistematização; manipularam o regimento interno; manobram as votações; obstruíram os trabalhos; patrulharam os vacilantes; exerceram terrorismo moral sobre os indecisos; lotaram as galerias para votar os desafetos; enquanto nutriram esperanças levaram o jogo a sério.

Agora, com a partida perdida, alegam que foi tudo "marmelada". Recusam-se a assinar a nova Carta. Abandonam o engajamento revolucionário de Lenin pelo nihilismo existencialista de Sartre. Tal comportamento encontra explicações mais satisfatórias na literatura freudiana do que na marxista: trata-se da popular PMD — psicose mantaco-depressiva.

A tão propalada vocação democrática da esquerda brasileira fica, assim, provisoriamente suspensa.

Desde que o mundo é mundo sempre foi relativamente fácil morrer na defesa de um princípio. Difícil mesmo é viver de acordo com ele...

João Mellão Neto é jornalista e secretário municipal da Administração.